

## CAPÍTULO 1

O major-general Whale ocupava o cargo de Director das Forças Terrestres em Operações Ofensivas de Risco. Era conhecido em inúmeras minutas pela sigla DFT OOR, e por “Petinga” pelos seus raros amigos de longa data. No Sábado de Aleluia de 1941, Whale foi convocado para a reunião semanal do ACEMI<sup>1</sup>, no Gabinete de Guerra. Foi com um mau pressentimento que se dirigiu para o local da reunião. Não tinha sido plenamente informado dos recentes desastres no Médio Oriente, mas sabia que as coisas estavam a correr mal. Benghazi tinha caído na semana anterior. Não parecia claro onde é que o exército em retirada se iria reposicionar. Na Quinta-Feira Santa, os australianos na Grécia haviam sido atacados no seu flanco desguarnecido. Não era claro onde se iriam reposicionar. Belgrado tinha sido bombardeada no Domingo de Ramos. Mas não era isto o que mais preocupava Petinga nessa manhã; o assunto na agenda do ACEMI, e que exigira a sua presença na reunião, era “O Futuro das Forças Especiais no Reino Unido”.

Os homens reunidos em volta da mesa representavam uma constelação de poderosas siglas, DDT, SGMG, IGE, DSP, entre outras<sup>2</sup>. Os presentes não eram os veteranos de cabelos brancos e meio chonés da tradição britânica, mas homens de meia-idade, magros e que se mantinham em forma; indivíduos ambiciosos, que pareciam formar um colectivo de juízes pronto para o enforcar, pensou Petinga, enquanto os cumprimentava calorosamente.

O tenente-general que presidia à reunião disse:

«Petinga, pode dizer-nos qual o número exacto dos seus efectivos neste momento?»

«Bom, general, *tínhamos* os Alabardeiros.»

«Mas deixaram de os ter na semana passada.»

«E a Hookforce.»

«Sim, a Hookforce. Que notícias há deles?» Virou-se para um major-general envolto numa nuvem de cachimbo, à sua esquerda.

«No Médio Oriente, ninguém parece ter encontrado nenhuma utilidade para eles. A Operação Texugo foi cancelada, claro.»

«Claro.»

«Claro.»

«Claro.»

«Não se pode dizer que a culpa seja deles, general», disse Petinga. «Primeiro, ficaram sem o comandante. Depois, ficaram sem as lanchas de desembarque. Quando chegaram ao Suez, o canal estava fechado, como se recorda. Puseram-nos em acampamentos temporários na zona do Canal. Quando o canal foi reaberto, os navios foram requisitados para transportar os australianos para a Grécia. E os nossos homens foram enviados de comboio para Alexandria.»

«Sim, Petinga, nós sabemos isso. Claro que eles não têm culpa. O que eu quero dizer é que não parecem estar propriamente a dar tudo o que podem.»

«Não me admiraria», disse um brigadeiro ruivo, «que a Hookforce fosse dissolvida em breve, e os seus homens usados como tropas de reforço.»

«Exactamente. Seja como for, agora estão integradas no Exército do Médio Oriente. Aonde eu quero chegar é ao seguinte: qual o número exacto dos efectivos terrestres sob o seu comando no Reino Unido neste momento?»

«Bom, general, como sabe, o recrutamento foi suspenso depois da partida da Hookforce. O que nos deixou um pouco esganados.»

«Sim?»

Mãos rabiscavam em agendas.

«Neste momento, general, tenho um oficial e doze homens, quatro dos quais estão hospitalizados com queimaduras de gelo, sendo pouco provável que regressem ao activo.»

«Exactamente. Só queria ter a sua confirmação.»

Lá fora, na catedral, cuja torre se via das janelas do Gabinete de Guerra, assim como nas distantes terras dos aliados ou dos inimigos, ardia o renovado fogo da Páscoa. Para Petinga, ali dentro, tudo era frio e negrume. Os juízes dos diferentes serviços preparavam o veredicto fatal. O representante da DSP desenhava uma série de pequenos patíbulos na sua agenda.

«Sinceramente, general, a DSP não compreende ao certo que função dos Comandos não pode ser exercida por tropas regimentais comuns ou pelos Royal Marines. A DSP não aprecia o sistema de voluntariado. Todo o combatente deve estar preparado para cumprir qualquer tarefa que lhe seja atribuída, independentemente dos riscos.»

«Exactamente.»

Um a um, os oficiais do estado-maior pronunciaram-se.

«... A única coisa que posso dizer, general, é que as afectações especiais sobrecarregaram consideravelmente o nosso departamento...»

«... Na nossa opinião, ou os Comandos se convertem em *corps d'élites*, com o que enfraquecerão seriamente as outras especialidades, ou tornam-se uma espécie de Legião Estrangeira feita de excedentes, e nesse caso não se vê como possam dar um grande contributo para o esforço de guerra...»

«Eu não quero criticar os seus homens, Petinga. Tem ali uma excelente matéria-prima, sem dúvida. Mas há-de concordar que a experiência de relaxar a disciplina de caserna não funcionou. Aquela explosão em Mugg...»

«Se me permite, penso que posso explicar...»

«Sim, sim, claro. Não tem nada a ver. Desculpe ter tocado no assunto.»

«Se pudermos lançar outra campanha de recrutamento, tenho a certeza de que a resposta...»

«Mas isso é precisamente o que as Forças Territoriais *não* querem.»

«O Ministério da Informação...», começou Petinga, desesperadamente, da forma mais inapropriada. As mãos rabiscadoras estavam imóveis. As respirações suspenderam-se por um instante, sendo depois expelidas em ríspidas nuvens de fumo. «O Ministério

da Informação», insistiu Petinga, desafiador, «mostrou grande interesse. Só estão à espera duma operação bem-sucedida para o divulgarem na imprensa. O moral da população», hesitou, «... a opinião dos americanos...»

«Como é evidente», disse o presidente da reunião, «esse assunto não diz respeito ao presente comité.»

No final foi esboçada uma minuta para o CEMI<sup>3</sup>, recomendando que nenhuma medida fosse tomada em relação às Forças Especiais.

Petinga regressou ao seu gabinete. Por todo o mundo havia sido entoado nessa manhã o *Exultet*, sem que tivesse chegado aos ouvidos de Petinga nem encontrado qualquer eco no seu coração vazio. Mandou chamar os seus planeadores e o seu oficial de ligação.

«Os gajos querem acabar connosco», comunicou-lhes sucintamente. Não precisava de nomear o inimigo. Ninguém pensou que se estivesse a referir aos alemães. «Só há uma solução. Temos de montar imediatamente uma operação e chamar depois a imprensa. O que é que temos à medida de oito homens e um oficial algo limitado?»

Os planeadores das OOR eram inventivos. Nos seus armários de aço havia, em diferentes estados de elaboração e sob diferentes nomes, projectos para todo o tipo de ataque à imensa linha costeira do inimigo.

Fez-se um silêncio.

«Temos a “Fisga”, major-general.»

«“Fisga”? “Fisga”? Esse não era um dos seus, Charles?»

«Ninguém se mostrou interessado. Por mim, sempre achei que tinha hipóteses.»

«Ora, recorde-me.»

“Fisga” era o plano menos ambicioso de todos. Tinha a ver com um ilhéu perto de Jersey no qual existe, ou pelo menos se julgava existir, um farol abandonado. Alguém da Marinha havia sugerido, depois de examinar uma carta náutica, que, no caso de o inimigo iludir o RDF<sup>4</sup>, esta ilha e o farol em ruínas podiam converter-se numa base. Charles recordou a Petinga esses pormenores.

«Sim. Vamos avançar com a Operação Fisga. Ian, deixo isto a seu cargo. É melhor contactar de imediato o McTavish. Você vai com ele.»

«Onde é que ele está?», perguntou Ian Kilbannock.

«Deve estar em algum lado. Alguém há-de saber. Tratem de o encontrar, você e o Charles, enquanto eu arranjo um submarino.»

Enquanto os primeiros sinos pascais ressoavam por toda a cristandade, do cimo do minarete branco, para lá do arame farpado, o muezim chamava os fiéis à oração: a sul, a oeste e a norte, os fiéis prostravam-se virados para Meca. A sua voz passava despercebida nas populosas dunas de Sidi Bishr.

Já acordado, Guy levantou-se da sua cama de campanha e pediu num berro água para fazer a barba. Era o oficial de dia da brigada, e terminava o seu serviço de plantão junto do telefone. Durante a noite houvera um aviso de ataque aéreo. Do QG do Cairo ninguém telefonara.

A brigada, ainda chamada Hookforce, ocupava um núcleo de barracas no meio do campo de tendas. Tommy Blackhouse era o seu comandante em funções, com a patente interina de coronel. Ao terceiro dia da sua permanência no Egipto, Tommy regressara do Cairo com as dragonas vermelhas e acompanhado por alguns oficiais de estado-maior, chefiados por um major baixo e calvo, ainda jovem, de nome Hound. Hound era o comandante da brigada. Nem nos Alabardeiros nem nos Comandos encontrara Guy um comandante como o major Hound, que por sua vez nunca se deparara com uma força militar como a Hookforce.

Hound optara pela carreira das armas por não ter sido suficientemente esperto para escolher a administração pública. Na academia militar de Sandhurst, em 1925, a convicção geral era de que o Exército Britânico nunca mais seria obrigado a entrar em acção na Europa. O jovem Hound revelara jeito para a administração, e os seus insucessos na escola de equitação foram compensados por prémios de atirador em Bisley. Anos mais tarde, no decurso da guerra, Hound fazia parte de um grupo de oficiais sem comando, estacionados no Cairo, no momento em que a Hookforce chegou ao Suez sem comandante. Hound foi ao encontro da brigada e não disfarçou o seu desagrado com as anomalias da mesma. Não tinham transporte, não tinham cozinheiros, havia um número desproporcionado de oficiais e sargentos, usavam diferentes uniformes, seguiam uma profusão de regulamentos potencialmente